

Varanasi, pela margem

Estou no aeroporto de Varanasi. O avião está atrasado. Parece ser normal nas Indian Airlines.

Apetece-me escrever. Este caderno foi uma simpática oferta de Shashah, dono de um hotel delicioso, Ganga View Hotel, onde fiquei.

Vim finalmente a VARANASI, (Benares).

É realmente uma cidade especial. Uma cidade onde tudo é novo e tudo é esperado. Tudo é diferente e tudo é normal. Vida e morte estão lado a lado com naturalidade.

Fiquei com os pés mais assentes, como se estar na terra fosse mais natural. Talvez mais fácil? Tudo é tão relativo! Na realidade, é não fazer julgamentos. Ver, ver só, aceitar, tentar entender.

A festa do dia 14 de Janeiro; os pobres, contratados de propósito de uma aldeia próxima, ficam sentados à volta do Assi Ghat, á espera de esmola. As esmolas que são dadas purificam quem as dá.

O RIO. O rio de todas as coisas. O rio sagrado que limpa, purifica, perdoa. Limpa os pecados de quem se banha. É como a confissão dos católicos.

Todos tomam banho. Os locais e os peregrinos. Tudo é público. O corpo é público. Os homens despem-se e cingem um pano à cintura, tiram depois as cuecas que surpreendem pela sua forma curiosa. Banham-se, mergulham, nadam um pouco, rezam. Lavam-se com sabão, fazem muita espuma que escorre pelas costas abaixo, construindo um novo corpo. Limpam-se, penteiam-se cuidadosamente. Vão pedir a bênção ao sacerdote que os unge com Bindi, pigmento vermelho ou amarelo misturado com óleo.

Alguns lavam a roupa, espremem e esticam-na com os braços deixando-a secar um pouco ao vento. Muitas vezes vestem-na molhada e secam-na no corpo. Enchem uma bilha de metal, com a água do Ganges que levam para casa.

As mulheres são mais recatadas, mas mergulham também e lavam-se vagarosamente. Mergulham com o sari, depois mudam-se dentro de pequenas barracas de tijolo ou usam o próprio saiote. Vi algumas com os seios desnudos, sem ligarem a quem passa. Gostava de as fotografar, mas há um pudor que não o permite.

Vou andando ao longo dos Ghat, os mais de 5 km de escadarias que ligam toda a cidade ao rio.

Agora lavam a roupa, em pedras direitas, batendo ritmicamente sobre a pedra. Normalmente são homens. Sobre um pano põem a roupa a escorrer. Quando já não pinga estendem-na onde calha. Sobre a terra arenosa que cobre o chão, nos paredões, nas grades das escadas, ao longo da escadaria, por todo o lado.

Mais à frente é o Ghat das vacas que bebem pachorrentamente a água do rio e se deitam a apanhar o sol ainda não muito quente.

A seguir um bando de peregrinos toma banho, mesmo junto a um dos locais onde se cremam os corpos.

Grandes pilhas de madeira, bem arrumada aguardam o fogo. Os corpos vêm em padiolas de bambu, envoltos em panos e cobertos com um tecido dourado e grinaldas de flores.

É feita uma pira de madeira em função do peso do corpo. Depois molham-no no rio, põem o corpo sobre a pira e cobrem com mais madeira. Normalmente os pés ficam de fora e por vezes também a cabeça. Vê-se que o corpo está muito hirto, como um bocado de madeira.

Ateiam o fogo por baixo e deitam um punhado de talvez sal e os tecidos dourados para ajudar a atear.

O lume começa a crescer, a aumentar, as labaredas começam a envolver todo o corpo. Demora 2 a 3 horas até arder todo. Ninguém chora, para não dificultar a entrada do corpo no Nirvana, por isso as mulheres ficam em casa.

Os ossos da bacia, não se desfazem, por isso são deitados ao rio. As brasas que ficam são levadas pelos habitantes, para se aquecerem. Quando as cinzas arrefecem são peneiradas, dentro do rio, com água pela cintura e com cestos semi-esféricos, forrados com serapilheira, para reterem os ouros que ficam pertença do cremador. As cinzas vão descendo o rio suavemente ao sabor da corrente. Mesmo ao lado, homens lavando no rio. A morte e a vida, lado a lado.

As escadas continuam e a vida continua. Mais peregrinos a banharem-se, mais pobres a pedirem, mais homens santos a meditarem, mais crianças a jogarem algo parecido com a bilharda que se jogava na minha infância. Um pau afiado nas duas extremidades e que é batido por outro pau. Por todo o lado se lançam papagaios. São estruturas levíssimas de cana e papel de seda. A grande excitação é porque quem apanha o papagaio fica com ele. Vêem-se autênticos duelos no ar. Não é quem voa mais alto, mas quem apanha mais papagaios.

Chego ao Ghat mais importante, Dashashvamedha.

Há vários púlpitos para se fazer o Puja, lindíssimos rituais em honra do Rio. Começam às 6h, depois do pôr do sol. O estrado principal tem 5 altares onde os sacerdotes fazem o ritual em simultâneo.

Primeiro, rezam junto ao rio e deitam-lhe flores, depois vêm para os altares e fazem movimentos sempre idênticos com incenso, fogo, água, fumo, mais fogo, água, flores... etc. Tudo acompanhado pelo som de sinos e do tocar ininterrupto de um tambor.

Barcos no rio assistem ao Puja e por vezes lançam luzes que vão passando lentamente. As luzes são taças feitas de folhas secas prensadas, cheias de flores e no meio uma forminha em papel, com um bocado de sebo e uma mecha. Arde muito bem e não se apaga facilmente. É lindo vê-las as passar na água muito escura do rio.

O Ghat seguinte é o Lolita, onde se vai ver a vista ao Puja Guest House em cujo terraço se almoça e se vê a curva do rio para além dos telhados que são pátios intrincados uns nos outros, cheios de vida e de miúdos a deitar papagaios. E a luz. A luz é vibrante, mesmo agora que é Inverno e os dias têm estado enevoados até ao meio-dia.

O Ghat seguinte é o das cremações em duro. Fomos de barco. Aí a "mafia" é notória. Fomos recebidos pelo "dono" do Ghat que nos encaminhou para um guia. Não se pode tirar fotografias às cremações e o aspecto de tudo é tétrico. É tudo preto, desde a terra às pessoas.

Há montes de lenha por todos os lados O guia leva-nos a uma casa em que segundo diz, "estão as pessoas pobres à espera de morrer". Eles que são bonzinhos, fazem-lhes o funeral...

Subimos para vermos as cremações. Não se vê muito bem, estamos na varanda, o guia está sempre a falar e nós parecemos abutres a olhar para a presa. Vai-nos explicando que a lenha necessária custa uma enormidade, 20 ou 200 Dólares, já não me lembro. Quando nos íamos embora, vem uma velhota, pedir dinheiro para a lenha. Cada um deu 100 Rupias que é imenso. No fim o guia pediu mais dinheiro para ele...

A morte explorada como espectáculo para turista.

Outro momento difícil foi a travessia para o outro lado. Tinha uma imagem romântica da outra margem, pensava que seria a paz, o vazio, a serenidade, só cinzas. Não.

O guia começou por dizer que era proibido lá ir, depois que tínhamos que pagar aos homens do outro lado. Acostámos. Estava tudo cheio de lixo, muito do que era deitado fora do outro lado vinha parar aqui. As flores dos templos, sacos de plástico e também um cavalo morto.

Mais à frente um bando de cães e corvos comia a carcaça de uma vaca. Comecei a andar atrás do guia que se dirigiu para uma tenda. Outra carcaça, com corvos a depenicar. Uma criança no meio das flores quase murchas escolhia as que ainda podia aproveitar. Homens com um ar horrível começaram a aproximar-se. Dei meia volta quando começaram a chamar-me. Fugi.

As passagens são sempre difíceis. O outro lado é sempre surpreendente.

Fomos ao interior da cidade. "Shopping".

As lojas são umas a seguir às outras, os produtos parecem ser de muito má qualidade, mas procurando um pouco há coisas boas. Varanasi é a cidade das sedas. Há saris lindíssimos. Compramos dezenas de lenços em seda natural. Há também brinquedos em madeira e lata, muito naifs e bonitos. Há jóias em ouro, jóias tradicionais que as indianas usam abundantemente.

Com o incentivo da Graça, ficamos uma tarde a desenhar no muito agradável pátio do Hotel. Um pátio rodeado de vasos de flores, com cadeirões, mesas e carpetes onde se saboreavam chás e bolinhos, mesmo à beira do Ganges.

Trabalhei muito bem. Ia à varanda, via qualquer coisa que me chamava a atenção e desenhava-a, a porta de um templo, um barco, um cesto para transportar barros, a primeira coisa que eu visse, daquele pulular de gentes e vida. Usei pigmento vermelho com cola e preensei-o usando a unha sobre o papel de seda.

No dia seguinte fui fazer a minha intervenção na paisagem com pigmento vermelho. Não resultou. Primeiro a luz não estava boa, depois trabalhar com assistência é muito complicado.

A zona da areia menos suja estava cheia de gente. Deitei pigmento numa linha de água que corria para o rio e que era um esgoto. Quando a estava fotografar, um grupo de rapazes bem vestidos, veio perguntar-me porque estava a fazer aquilo. Expliquei o meu projecto. Falei-lhes do vermelho, o vermelho com energia feminina, da circulação, do sangue como fonte de vida etc... Não ficaram convencidos. Disseram-me que o sangue fora do corpo, significa morte. Também têm razão, mas é apenas um ponto de vista.

À tarde aluguei um barco, o do costume, mas só com o barqueiro, sem o guia agoirento e fui para o meio do rio.

Tinha pensado molhar as folhas na água do Ganges, colocar binbi em linhas longitudinais no meio da folha e colocar as folhas no meio das escadas a secarem, esperando que as pessoas as pisassem. Seriam os seus passos, a memória desses passos, o desenho, mas as observações dessa manhã, tinham-me alertado: talvez não fosse bem-vinda. Talvez estivesse a profanar algo de sagrado para eles. Porque mexer de uma forma leviana nos seus símbolos? Sem conhecer profundamente as suas crenças, não os posso usar. Assim resolvi desenhar com o Rio.

Quando pus as folhas na água elas foram-me devolvidas com milhares de minúsculos formas que faziam uma renda levíssima em todo o papel. Todo o amontoado de memórias que navegam nele ficaram retidos na folha criando um pattern riquíssimo. Enquanto secava, deitei sobre o papel pigmento que a própria aragem do rio trabalhou, criando novos desenhos. Preensei o pó e no fim para secar, segurei os desenhos entre os dedos deixando-os esvoaçar, secando-os como tinha visto fazer aos lavadeiros.

São o bocado do rio que trouxe comigo. O Rio dentro dos meus desenhos.

*Cristina Ataíde
Varanasi, 17.1.2004*